Minha Vovó Maria

Minha adolescência foi recheada de histórias, principalmente aventuras criativas que fazem parte de uma realidade vivida apenas nos pensamentos de quem sonha muito alto. Ir à casa da minha avó (forma como me refiro até hoje) era uma grande aventura, com muitas cores e muita saudade.

Sempre que eu chegava na casa da minha avó, pedir a benção era a primeira regra, a segunda era não acordar Feliciano (meu tio), a terceira não tinha...

... Eu sempre achava um jeito de ir até A FÁBRICA DE SONHOS, era um pequeno quarto no fundo da casa que já foi até forno a lenha...

Vovó era incrível, não sei como ela conseguia fazer tanta coisa, sempre dava tempo para tudo e olha que não era pouca coisa. Lembro-me de observar como ela coordenava as coisas da casa, parecia uma orquestra, era uma verdadeira aula de administração e liderança, tudo com simplicidade sem deixar nada perder o compasso.

Ela tinha uma voz doce e serena, um olhar meigo e com um pequeno sorriso que sempre estava presente.

Nossa! Era incrível como ela podia ser meiga e ao mesmo tempo firme, como uma rocha. Levar uma bronca de vovó era algo que todo mundo evitava mesmo, tudo o que ela dizia entrava como uma flecha certeira.

Certa vez cheguei até ela para pedir um conselho, pois estava muito desapontado com uma situação que passei na escola, e perguntei:

Vovó, eu estou triste hoje, alguns amigos riram muito de mim simplesmente porque eu disse que iria construir um helicóptero com meu tio! A Senhora acredita nisso? Me chamaram de mentiroso e ainda me apelidaram...

Ela parou, sentou-se em uma pequena cadeira de madeira, onde fazia suas orações, e com suas palavras sempre infalíveis me disse:

“Meu filho, a gente só dá o que tem, não podemos dar aquilo que não temos.”

Com o mesmo olhar sereno, levantou-se e saiu para continuar sua jornada diária nos afazeres da casa.

Os tempos passaram, não construí o helicóptero, mas aquelas palavras jamais saíram da minha mente e do meu coração. Com elas superei e compreendi vários desafios da vida adulta, e hoje, tento passar adiante tão grande sabedoria.

Me lembro fortemente dos exemplos de bondade, força e família. Os almoços de domingo recheados de brincadeiras e lições constantes de que não se precisa de muito para ser feliz.

Minha avó era assim, sempre tinha algo para ensinar, mesmo quando estava em silêncio. E no silêncio do tempo ainda continua a ensinar.

Campina Grande, 05 de julho de 2020.

**Jarbson Santana de Jesus**